



DISTÚRBIOS PSIQUIÁTRICOS MENORES EM ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM PSYCHIATRIC DISORDERS IN NURSING STUDENTS

TRASTORNOS PSIQUIÁTRICOS EN ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA

Luccas Melo de Souza¹, Edimara Lopes Oliveira², Ingrid de Souza Pinheiro³

ABSTRACT

Objective: analyzing the suspicion of psychiatric disorders and its relationship with the predictor variables in academics of a degree course in nursing. **Method:** a cross-sectional, analytical study with a quantitative approach. There were interviewed 133 students from the first to the tenth semester of a private university of Rio Grande do Sul, using the Self-Reporting Questionnaire. The research project was approved by the Ethics Committee in Research, Protocol 110.101/2012. **Results:** the suspicion prevailed in 26% of the sample, being higher in students of recent semesters, health workers and trainees, in those with no time for leisure, with regular self-perception of health, who were not doing physical activity or who did not consult health service in the last year, with statistically significant difference. **Conclusion:** it needs to provide mechanisms to support students in coping with situations experienced throughout their professional training, especially at the end of the course. **Descriptors:** Nursing; Occupational Health; Mental Disorders; Students; Nursing Students.

RESUMO

Objetivo: analisar a suspeição para Distúrbios Psiquiátricos Menores e a sua relação com as variáveis preditoras em acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem. **Método:** estudo transversal, analítico, com abordagem quantitativa. Foram entrevistados 133 acadêmicos do primeiro ao décimo semestre de uma universidade privada do Rio Grande do Sul, utilizando o *Self-Reporting Questionnaire*. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, Protocolo 110.101/2012. **Resultados:** a suspeição prevaleceu em 26% da amostra, sendo maior nos alunos dos últimos semestres, nos trabalhadores da saúde e estagiários, nos desprovidos de tempo para lazer, com autopercepção da saúde regular, que não realizavam atividade física ou que não consultaram o serviço de saúde no último ano, com diferença estatisticamente significativa. **Conclusão:** é preciso fornecer mecanismos de suporte aos estudantes no enfrentamento das situações vivenciadas ao longo de sua formação profissional, especialmente no final do curso. **Descritores:** Enfermagem; Saúde do Trabalhador; Transtornos Mentais; Estudantes; Estudantes de Enfermagem.

RESUMEN

Objetivo: analizar la sospecha de trastornos psiquiátricos y su relación con las variables de predicción en estudiantes de enfermería. **Método:** un estudio transversal, analítico con un enfoque cuantitativo. Fueron entrevistados 133 estudiantes desde el primero al décimo semestre de una universidad privada de Río Grande do Sul con el *Self-Reporting Questionnaire*. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética de Investigación, Protocolo 110.101/2012. **Resultados:** la sospecha se impuso en el 26% de la muestra, siendo mayor en los estudiantes de los semestres recientes, en los trabajadores de la salud y personas en formación, los que no tienen tiempo para el ocio, con la auto-percepción regular de la salud, en los que no estaban haciendo actividad física o que no consultó el servicio salud en el último año, con una diferencia estadísticamente significativa. **Conclusión:** hay que proporcionar mecanismos para apoyar a los estudiantes para hacer frente a las situaciones vividas a lo largo de su formación profesional, sobre todo al final del curso. **Descriptores:** Enfermería; Salud en el Trabajo; Trastornos Mentales; Estudiantes; Estudiantes de Enfermería.

¹Enfermeiro, Doutor em Enfermagem, Universidade Luterana do Brasil – Campus Gravataí. Gravataí (RS), Brasil. E-mail: luccasms@gmail.com; ²Enfermeira, Universidade Luterana do Brasil – Campus Gravataí. Gravataí (RS), Brasil. E-mail: edimara.oliveira@ulbra.edu.br; ³Enfermeira, Universidade Luterana do Brasil – Campus Gravataí. Gravataí (RS), Brasil. E-mail: ingridspinheiro@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na universidade, o estudante encontra-se numa fase da vida repleta de novas expectativas, desafios e possibilidades, deparando-se com um ambiente favorável ao desenvolvimento e aprimoramento dos valores que estão ligados a sua vida pessoal e profissional.¹ Esse momento envolve múltiplos processos que abrangem aspectos externos (dos ambientes acadêmico e social) e internos do indivíduo, como habilidade de encarar situações, reações físicas psicossomáticas e diferentes estados de humor, advindos com os novos desafios e convivências.²

Nessa fase da vida, principalmente quando o ingresso na universidade ocorre atrelado à juventude, pode haver dificuldade do estudante para lidar com as circunstâncias, assim como novas e diferentes expectativas sobre a vida acadêmica,³ logo, junto a situações familiares e financeiras, esses fatores podem ocasionar episódios de crises no decorrer da graduação, como o surgimento de depressão, alcoolismo, evasão, dificuldade na aprendizagem, nos relacionamentos pessoais e isolamento.⁴ Por isso, o ingresso na universidade envolve processos de constates e significativas mudanças, como adaptação aos estudos, mudança de cidade, de horários e de rotinas, entre outros. Devido a esse cenário, o acadêmico tem sido foco para estudos na área da saúde, pois alguns desenvolvem o primeiro episódio psiquiátrico ao longo da graduação, pelo estresse e pelos múltiplos papéis advindos com as atividades acadêmicas.²

O surgimento de transtornos mentais em estudantes da área da saúde é mostrado com comuns alterações: depressão, Síndrome de Burnout, Distúrbios Psiquiátricos Menores (DPM), alterações do sono e alimentares, especialmente em estudantes de medicina, mas com poucos estudos em graduandos de enfermagem.²

Os DPM são caracterizados por sintomas como insônia, fadiga, tristeza, ansiedade, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração, queixas somáticas e neurastenia, designando situações de sofrimento mental. Esses sintomas podem causar incapacidade funcional em comparação a quadros psiquiátricos crônicos (que geram afastamento e tratamento), o que pode interferir na capacidade para o trabalho/estudo e no rendimento psíquico. Ocorrem quando há alterações orgânicas significativas mediante a presença do estímulo estressor, sendo que a partir desse ponto se iniciam as alterações emocionais, comportamentais, químicas e fisiológicas.⁵

Dentre as categorias profissionais, destacam-se os trabalhadores da saúde, em especial a equipe de enfermagem, tendo em vista as inúmeras circunstâncias desgastantes e insalubres presentes em seu cotidiano laboral e o contato direto e ininterrupto com os pacientes, que muitas vezes decorre em vínculo.

A literatura tem enfatizado que a exposição às cargas de trabalho dos acadêmicos de enfermagem é semelhante a dos profissionais já atuantes no mercado de trabalho, sinalizando que, possivelmente no futuro, esses estudantes apresentarão os mesmos comprometimentos que hoje atingem os trabalhadores de enfermagem, necessitando, assim, de uma intervenção eficaz ainda na universidade e ao longo da graduação.⁶ Nesse sentido, a discussão sobre o processo de formação dos cuidadores profissionais nas instituições de ensino é de extrema importância, principalmente considerando-se as Diretrizes para a Educação em Enfermagem no Brasil, entendendo o processo formador como um espaço que pode articular saúde aos estudantes.¹

O apoio ao estudante está, geralmente, voltado apenas aos aspectos pedagógicos e à assistência emergencial e curativa, com pouca preocupação relacionada aos aspectos preventivos da saúde mental. Isso não os ajuda a desenvolver a consciência e capacidade de reflexão, o que seria útil para gerar oportunidades de aprendizado ou resolver situações difíceis de seu cotidiano e na futura profissão.⁴ Deste modo, questiona-se: como está a saúde mental de acadêmicos de enfermagem? Qual a prevalência de suspeição para DPM em acadêmicos de enfermagem? A suspeição para DPM modifica-se ao longo dos semestres e está associada à jornada concomitante de trabalho e estudo?

Para buscar respostas para estes questionamentos propõe-se como objetivo:

- Analisar a suspeição para Distúrbios Psiquiátricos Menores e a sua relação com as variáveis preditoras em acadêmicos de um curso de graduação em enfermagem de uma universidade privada do Rio Grande do Sul.

MÉTODO

Estudo transversal, analítico, com abordagem quantitativa, desenvolvido em um campus de uma universidade privada da região metropolitana de Porto Alegre/RS.

A população foi composta por todos os acadêmicos do Curso de Enfermagem, do primeiro ao décimo semestre. Foram entrevistados 133 acadêmicos, do total de 198

alunos. Dos 65 não inqueridos, 63 não foram encontrados e dois coletaram os dados da pesquisa, não havendo, portanto, negativa em participar do estudo.

Os critérios de exclusão foram: alunos com a matrícula suspensa/inativa, bem como aqueles que participaram como pesquisadores no estudo. Os alunos foram entrevistados, por duas acadêmicas previamente treinadas, no ambiente acadêmico, durante as aulas, com autorização do professor responsável. Todos os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2012. O período escolhido foi intencional, por não haver provas nas disciplinas teóricas da universidade nesses meses, conforme consulta ao calendário acadêmico, o que poderia estimular sintomas característicos de DPM.

O instrumento para coleta de dados foi autoaplicável, composto por dois questionários. O primeiro visava à caracterização sociodemográfica, de saúde, escolar e laboral, elaborado pelos autores conforme experiência e revisão literária sobre o objeto de estudo. O segundo questionário é o *Self-Reporting Questionnaire* (SRQ-20), instrumento desenvolvido pela Organização

Mundial da Saúde (OMS) e traduzido para diversos idiomas. Avalia elementos relativos à saúde mental, sendo recomendado pela OMS como *screening* para avaliação de Distúrbios Psiquiátricos Menores e validado para o Brasil em 1986.⁷⁻⁸ O questionário abrange sintomas não-psicóticos como insônia, irritabilidade, esquecimento, fadiga, concentração e queixas somáticas.⁹⁻¹⁰

Tabela 1. Características sociodemográficas, econômicas e ocupacionais dos acadêmicos de enfermagem. Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil, 2012.

Variáveis	n=133
Sexo feminino*	112(84,2)
Com companheiro*	70(52,6)
Idade [†]	29,2±7,7
Tempo realizando curso (anos) [‡]	4(2-5)
Atual semestre [£]	6
Coresidência*	
Mora com familiar	120 (90,2)
Mora com não familiar	8(6)
Mora sozinho	5(3,8)
Possui trabalho remunerado*	91(69,9)
Ocupação*	
Funcionário da Saúde	50 (45,4)
Estagiário	30(27,3)
Funcionário não Saúde	30(27,3)
Realiza estágio extracurricular*	32(24,1)
Possui atividade remunerada*	121(91)
Principal responsável atividades domésticas*	59(44,7)
Responsável pelo custeio estudos*	
Próprio	66(49,6)
Outro Familiar	34(25,6)
Bolsa	24(18)
Cônjuge	9(6,8)

*Variável expressa como n(%);[†]variável expressa como média±desvio padrão; [‡]variável expressa como mediana (quartis 25-75); [£]variável expressa como moda.

Na versão em português, o SRQ-20 possui 20 itens dicotômicos (do tipo sim/não) para avaliação/suspeição de DPM. As questões referem-se a sintomas e problemas ocorridos no mês anterior à realização da entrevista.

Cada resposta “sim” representa um ponto no escore final. Dessa forma, a variação de escores está compreendida entre zero e vinte. Foi utilizado o ponto de corte 7/8 pontos para

suspeição de DPM, tanto para homens quanto para mulheres.⁹⁻¹⁰

Utilizou-se estatística descritiva (frequência, medidas de tendência central e de dispersão) e analítica com o teste Qui-quadrado de Pearson. Foram considerados estatisticamente significativos os valores com p bicaudal menor que 0,05. A variável de desfecho foi suspeição para DPM. As variáveis preditoras foram: sexo, idade, estado conjugal, coresidência, trabalho remunerado, participação econômica na família, semestre do curso, autopercepção da saúde, tempo para lazer, consulta em saúde no último ano, atividade física e problema de saúde no último ano.

A pesquisa respeitou os princípios éticos da Resolução número 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo o projeto aprovado

pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição (parecer 110.101/2012).

RESULTADOS

A amostra foi composta por 133 acadêmicos de enfermagem, com predominância do sexo feminino (84,2%) e média de idade de 29,2±7,7 anos, conforme Tabela 1. Pouco mais da metade dos acadêmicos de enfermagem tinha companheiro (52,6%) e o semestre com maior número de alunos matriculados (moda) foi o sexto. Ainda, 25% dos acadêmicos cursavam há cinco anos ou mais a graduação.

A maioria morava com familiar (90,2%) e possuía trabalho remunerado (69,9%), sendo que 45,4% já eram profissionais da área da saúde, 44,7% eram os principais responsáveis pelas atividades domésticas e 49,6% eram responsáveis pelo custeio de seus estudos.

Tabela 2. Características de saúde dos acadêmicos de enfermagem. Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil, 2012.

Variáveis	n=133
Possui tempo para lazer*	92(70,8)
Autopercepção da saúde*	
Ótima	25(18,8)
Muito boa	34(25,6)
Boa	56(42,1)
Regular	18(13,5)
Atividade física regular*	33(25)
Consulta ao serviço de saúde no último ano*	100(75,8)
Escore SRQ-20†	4(2-8)
Suspeição de DPM*	34(26)

*Variável expressa como n(%); †variável expressa como mediana (quartis 25-75). Legenda: SRQ: Self-Report Questionnaire; DPM: Distúrbios Psiquiátricos Menores.

Na Tabela 2 são apresentadas as características sociais e de saúde da amostra. Dos acadêmicos entrevistados, 70,8% referiram possuir tempo para o lazer, 25% praticavam atividade física regular e 44,4% classificaram sua saúde como muito boa ou ótima. Ninguém classificou sua saúde como má/ruim.

Quanto à consulta ao serviço de saúde, 75,8% referiram tê-la realizado no último ano. Prevaleceu a suspeição de DPM em 26% da amostra.

As Tabelas 3 e 4 apresentam a suspeição de DPM conforme as variáveis preditoras. A prevalência de suspeição para DPM foi de 29,1% nas mulheres e de 9,5% nos homens, contudo, sem diferença estatisticamente significativa entre os sexos (p=0,06). Da mesma forma, não houve diferença significativa na prevalência de suspeição para DPM conforme a variável situação conjugal, coresidência, possuir atividade remunerada ou problema de saúde em tratamento no último ano.

A prevalência de suspeição para DPM foi significativamente maior nos alunos concluintes (45,5%) *versus* alunos de semestres iniciais ou intermediários (22%). Também foi maior nos alunos que trabalhavam na área da saúde (36,7%) ou estagiavam (30,6%), em comparação com aqueles que possuíam emprego não relacionado diretamente a instituições de saúde (10%), com p=0,04.

A prevalência de suspeição de DPM também foi superior nos alunos que não realizavam atividade física (30,9% *versus* 12,1%) e naqueles sem tempo para lazer (43,2% *versus* 18,7%).

Nos alunos que consideraram sua saúde regular, a suspeição de DPM foi maior (58,8%) em comparação àqueles que autoavaliaram sua saúde como ótima (8%). Ainda, os alunos que não consultaram o serviço de saúde no último semestre tiveram maior prevalência de suspeição para DPM (40,6% *versus* 21,4%).

Tabela 3. Distribuição dos acadêmicos de enfermagem conforme suspeição de DPM e as variáveis sociodemográficas e laborais, Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil, 2012.

Variáveis	Sem DPM	Com DPM	p
	n(%)	n(%)	
Sexo			0,06*
Feminino	78(70,9)	32(29,1)	
Masculino	19(90,5)	2(9,5)	
Situação conjugal			0,71*
Casado/com companheiro	52(75,4)	17(24,6)	
Solteiro/sem companheiro	45(72,6)	17(27,4)	
Semestre cursado			0,02*
1 ao 7	85(78,0)	24(22,0)	
8 ao 10	12(54,5)	10(45,5)	
Coresidência			0,26*
Sim	95(74,8)	32(25,2)	
Não	2(50)	2(50)	
Possui atividade remunerada			0,93*
Sim	88(73,9)	31(26,1)	
Não	9(75)	3(25)	
Ocupação			0,04*
Funcionário da saúde	19(63,3)	11(36,7)	
Estagiário	34(69,4)	15(30,6)	
Funcionário não saúde	27(90)	3(10)	
Tempo para lazer			<0,01*
Sim	74(81,3)	17(18,7)	
Não	21(56,8)	16(43,2)	

*Análise estatística pelo teste Qui-quadrado de Pearson.
Legenda: DPM: Distúrbios Psiquiátricos Menores.

Tabela 4. Distribuição dos acadêmicos de enfermagem conforme suspeição de DPM e as variáveis de saúde, Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil, 2012.

Variáveis	Sem DPM	Com DPM	p
	n(%)	n(%)	
Realiza atividade física			0,03*
Sim	29(87,9)	4(12,1)	
Não	67(69,1)	30(30,9)	
Autopercepção da saúde			<0,01*
Regular	7(41,2)	10(58,8)	
Boa	41(74,5)	14(25,5)	
Muito boa	26(76,5)	8(23,5)	
Ótima	23(92)	2(8)	
Problema de saúde em tratamento no último ano			0,09*
Sim	38(66,7)	19(33,3)	
Não	59(79,7)	15(20,3)	
Consulta ao serviço de saúde no último semestre			0,03*
Sim	77(78,6)	21(21,4)	
Não	19(59,4)	13(40,6)	

*Análise estatística pelo teste Qui-quadrado de Pearson.
Legenda: DPM: Distúrbios Psiquiátricos Menores.

DISCUSSÃO

A amostra de estudantes desse estudo caracteriza-se por predominar o sexo feminino, com idade média de 29 anos, com companheiro, coresidindo com outros familiares e com trabalho/estágio remunerado.

No estudo desenvolvido em uma universidade pública do Estado de São Paulo, foi verificado resultado semelhante, visto que a maioria dos acadêmicos de enfermagem é do sexo feminino (92,31%), havendo a presença significativa de adultos jovens (98,47%), que moram com a família (87,69%),

tendo atividade remunerada (41,54%), sendo possível conciliar a carga horária de trabalho com os horários da universidade.⁶

Estudo realizado em cinco instituições de ensino superior privadas, localizadas na cidade de Belo Horizonte/MG, com uma amostra de 430 discentes de enfermagem, confirma o predomínio de estudantes do sexo feminino (84,9%), adultos jovens (74,6%), com trabalho remunerado (57,5%), dentre os quais 42% trabalham como técnicos ou auxiliares de enfermagem.¹¹

Estudos que verificaram o perfil sociodemográfico dos estudantes de enfermagem encontraram percentuais

semelhantes, corroborando características já constatadas pela literatura: a relação historicamente construída entre a mulher e o cuidado, vinculando socialmente a mulher, conduzindo a opção pelos cursos de enfermagem e reproduzindo a força de trabalho feminina na profissão.¹²⁻¹⁵

O número de homens procurando o curso de enfermagem vem crescendo, demonstrando a ruptura de barreiras atribuídas ao sexo. O interesse do sexo masculino pela profissão aparenta mostrar que as concepções sobre a enfermagem estão passando por transformações, abandonando a característica de profissão exclusivamente feminina, embora ainda seja predominante.¹³

A presença de acadêmicos jovens no curso de enfermagem pode ser considerada, por um lado, como fator positivo à medida que aos jovens profissionais surgirão oportunidades mais cedo, gerando perspectiva de crescimento e de progresso. Por outro lado, esses discentes enfrentarão os compromissos e os desafios inerentes à condição de enfermeiro, além das dúvidas sobre a certeza da escolha da profissão realmente almejada, o que pode influenciar nos aspectos emocionais e motivacionais ainda na juventude.¹¹

Em contrapartida ao presente estudo, as pesquisas têm apresentado números elevados de acadêmicos de enfermagem solteiros.¹²⁻¹⁵ Isso pode ser explicado devido à transição demográfica da população brasileira, em que as mulheres têm optado em casar-se mais tarde, priorizando a formação profissional e sua inserção no mercado de trabalho.¹⁴ Geralmente, na faixa de idade do presente estudo (média de 29 anos), os indivíduos já se encontram com uma vida mais estruturada financeira e afetivamente, o que parece explicar o estado civil com companheiro (52,6%) e o fato de possuir emprego (69,9%), pois precisam custear seus estudos (49,6%).

Nesse sentido, estudos têm mostrado, também, as diferenças do perfil de estudantes de escolas de enfermagem públicas e privadas, sendo que, nessa última, a maioria trabalha para sua manutenção ou da sua família.^{14,16} Na faculdade pública, o horário, geralmente, é integral, sendo que na privada, na maioria dos casos, é parcial (manhã, tarde ou noite), o que possibilita ao aluno estar inserido no mercado de trabalho.¹⁴

Como em outros estudos, a maioria reside com familiares. Acredita-se que os estudantes que residem com familiares tenham melhores condições de assistência e atenção no atendimento de suas necessidades, comparados aos que vivem sozinhos ou em moradias coletivas, como as repúblicas ou

pensionatos.^{14,17} Esses últimos estão sujeitos a maiores agravos, já que podem ser menos assistidos quanto à alimentação, aos hábitos de vida e ao gerenciamento de seus conflitos.¹⁷ Estudo, com 558 estudantes de diversos cursos de duas universidades públicas, identificou que os estudantes que moravam sozinhos apresentaram maior prevalência de DPM.¹² Contudo, no presente estudo não houve diferença estatisticamente significativa na suspeição de DPM conforme variável coresidência.

Quanto à realidade de possuir emprego enquanto acadêmico, o estudo demonstrou que 45,4% dos estudantes já trabalhavam na área da saúde, e essa é uma característica encontrada na enfermagem, em que técnicos de enfermagem optam pelo curso superior como forma de qualificação e crescimento profissional. Nesse sentido, os cursos técnicos de enfermagem parecem atuar, também, como um mecanismo de inclusão social de classes menos favorecidas financeiramente aos cursos superiores, as quais não teriam condições de acesso ao ensino superior imediatamente após a conclusão do ensino médio.

Um dos fatores para esse número de acadêmicos com trabalho pode ser a expansão das faculdades de enfermagem e o aumento de vagas para o ensino superior, facilitando o acesso, o que vem permitindo que os já profissionais de enfermagem (auxiliares e técnicos) possam ascender profissionalmente.¹⁸

Estudo corrobora com os resultados da presente pesquisa, em que 59,7% dos alunos de enfermagem eram trabalhadores, 47% exerciam atividades na área da saúde, e 62% deles estudavam no período noturno.¹⁶ Outros estudos apontam dados semelhantes (51,1%) ou superiores (85,7%) sobre a relação emprego e estudo na enfermagem.¹⁷⁻¹⁸

No entanto, é preocupante a condição de estudante trabalhador, pois as limitações econômicas e de tempo para estudo podem futuramente representar dificuldades no ajuste às exigências do curso, como carga horária total, horários irregulares de estágio e dedicação aos estudos. Isso pode propiciar desinteresse, desistência do curso ou sobrecarga mental.¹⁶

Nessa perspectiva, o trabalho atua como fator que influencia desfavoravelmente no rendimento acadêmico, representado pela falta de tempo para estudar, dificuldade de assimilar a matéria e falta de concentração em sala de aula. Ainda, a conciliação de estudo com trabalho pode acarretar queda na produtividade (seja no trabalho, no estudo ou

em ambos), susceptibilidade a doenças, frequência constante ao médico e abuso no uso de medicações.¹⁹ No presente estudo não houve diferença de DPM quanto à variável possuir atividade remunerada, mas sim quanto ao tipo de atividade, sendo a suspeição para DPM maior nos alunos que trabalhavam na área da saúde (36,7%) ou estagiavam (30,6%), em comparação àqueles que possuíam emprego que não era relacionado às instituições de saúde (10%).

Os alunos que trabalham na área da saúde têm de enfrentar as exigências de ser um trabalhador da enfermagem, além das incumbências próprias ao estudante universitário. Todo esse contexto configura em um cenário, no mínimo, estressante, que pode se traduzir em desgaste físico e emocional.¹⁷

Quanto à suspeição de DPM, a prevalência nesse estudo foi de 26%. Em estudantes de medicina, estudo encontrou suspeição de DPM de 37,1%.² Em pesquisa incluindo 502 trabalhadoras de enfermagem de um hospital público de Salvador/Bahia, a prevalência de DPM encontrada foi de 33,3%.²⁰ Em outra pesquisa, 42,5% dos profissionais de enfermagem apresentaram resultados afirmativos para suspeição de DPM.²¹

Estudo com acadêmicos de diversos cursos utilizando o Questionário de Saúde Geral (QSG) encontrou a maior prevalência de DPM nos estudantes do curso de enfermagem (34%) em comparação ao curso de Letras (22%), de Direito (17%) e de Ciência da Computação (9%). Houve alto escore no fator estresse psíquico, indicando que o processo de aprendizado em enfermagem é estressante, provocando um efeito negativo sobre a performance acadêmica, saúde física e bem estar emocional.¹²

Esses dados fornecem subsídios e demonstram a necessidade de criação de intervenções e estratégias de apoio ao estudante de enfermagem trabalhador, para desenvolvimento da motivação e manutenção do incentivo nos estudos. Ainda, como já citado anteriormente, a exposição às cargas de trabalho dos acadêmicos de enfermagem são semelhantes as dos profissionais de enfermagem, o que aponta a necessidade de intervenções ainda quando tais se encontram na universidade.⁶

A literatura ainda carece de estudos analisando a suspeição de DPM em acadêmicos de enfermagem, sendo a maioria dos estudos realizados com profissionais de saúde e com estudantes de medicina.²

Foi maior a prevalência de suspeição de DPM nos acadêmicos sem tempo para o lazer (43,2% versus 18,7%, $p < 0,01$) e naqueles que não realizam atividade física (30,9% versus 12,1, $p = 0,03$). Estudo na Universidade Federal da Bahia identificou que 87,7% dos acadêmicos de enfermagem eram sedentários, resultado tão preocupante como os desse estudo, em que 75% relataram não praticar atividade física regular.²²

O sedentarismo pode ser explicado devido ao perfil do acadêmico, que geralmente trabalha para custear seus estudos. O mercado de trabalho, cada vez mais exigente, faz com que as pessoas se adéquem as novas condições de vida, o que as podem levar ao distanciamento das atividades físicas e de lazer, pois o seu tempo livre passa a ser dedicado, especialmente, às atividades do seu futuro profissional.²³

Apesar dos acadêmicos frequentarem uma instituição de formação e de cuidado em saúde, os comportamentos preventivos podem mostrar-se pouco frequentes. Especialmente no ingresso na universidade, os estudantes relatam dispor de menos tempo para atividades físicas, em razão do cumprimento das obrigações da vida acadêmica. Os principais aspectos associados a esse comportamento sedentário são a falta de tempo, de motivação e de apoio social, bem como a distancia entre os domicílios e os espaços destinados à atividade física.^{22,24}

É importante, também, que se valorize o lazer entre os acadêmicos de enfermagem, em uma dimensão mais abrangente, como um cuidado de si, o que pode trazer conforto, bem-estar, alegria e tranquilidade a si e aos outros.¹

A suspeição de DPM foi maior nos alunos que classificaram a autopercepção de saúde como regular (58,8% versus 8% com autopercepção ótima) e naqueles que não consultaram em serviço de saúde no último ano (40,6% versus 21,4%). Esses dados são preocupantes, pois se apresentam suspeição para DPM, possivelmente necessitam de apoio profissional. O fato de não realizarem consulta ao serviço de saúde é agravante, já que dificulta o diagnóstico e também o tratamento.

No presente estudo, os alunos concluintes apresentaram maior prevalência de suspeição para DPM (45,5%) comparados com os alunos dos semestres anteriores (22 % do 1º ao 7º semestre), assim como em outro estudo realizado com alunos dos cursos de Ciência da Computação, Enfermagem, Letras e Direito de duas universidades públicas do Mato Grosso do Sul.¹²

A identificação das dificuldades vivenciadas pelos alunos ao longo de cada etapa do curso e a diferença na prevalência de suspeição de DPM pode ser indicativa da necessidade de desenvolvimento de estratégias de enfrentamento individual e coletivo, por meio de projetos contínuos que sensibilizem os estudantes para os riscos dos transtornos psíquicos, os quais podem interferir no seu próprio bem-estar, de seus familiares e dos pacientes sob sua responsabilidade.²⁵

As instituições de ensino superior devem refletir criticamente sobre esse contexto do ensino, conhecer as características de seus alunos e os momentos considerados críticos ao longo do curso, com a finalidade de articular estratégias para auxiliar o estudante a enfrentar as dificuldades do cotidiano.²⁶

A prevalência maior de suspeição de DPM nos acadêmicos de enfermagem concluintes pode estar relacionada tanto ao sentimento de incapacidade de desempenhar satisfatoriamente suas tarefas diárias quanto aos receios sobre o futuro; também, é provável, ainda, que em alguns casos, conflitos internos individuais e fatores externos suficientemente fortes, ou a combinação de ambos, possam estar relacionados com esses maiores valores de suspeição de DPM em alunos formandos. Os fatores externos poderiam estar relacionados à universidade e à sociedade, que podem não fornecer ao jovem formando as garantias de realização profissional e pessoal, tornando-o, assim, inseguro quanto ao mercado de trabalho.¹²

Entre os fatores externos influentes na saúde mental dos estudantes pode-se citar o trabalho de conclusão de curso e os estágios curriculares finais, nos quais o acadêmico desenvolve o conhecimento adquirido durante graduação. Além disso, é exigido dele atitudes diferenciadas para o exercício da profissão, como autonomia, proatividade e responsabilidade no desenvolvimento de suas tarefas enquanto formando e profissional. Essas novas responsabilidades e tarefas provocam mudança de hábitos, rotinas e horários, que, somadas às mudanças no emprego e muitas vezes duplas ou até tripla jornada de trabalho, podem predispor à DPM. Além disso, provavelmente a proximidade da formatura e a incerteza quanto ao ingresso no mercado de trabalho também podem causar sintomas sugestivos de DPM, como ansiedade e insônia.

Em virtude da maior prevalência de sintomas de DPM nos alunos concluintes, seria importante que a instituição de ensino favorecesse o processo de autoconhecimento

e apoio aos estudantes sobre questões como medos e ansiedades advindas com a formatura, com o processo de cuidar e com as incertezas do mercado de trabalho, por exemplo, por intermédio de apoio psicológico e pedagógico aos alunos. Ressalta-se, também, a importância do papel do professor no aconselhamento e na escuta do aluno, identificando acadêmicos com sintomas de DPM.

A tarefa primordial é fornecer ao aluno um espaço para reflexão sobre seus sentimentos e emoções, mediante debate aberto e franco sobre as vulnerabilidades, limitações e patologias dos estudantes, com o empenho e a dedicação com que é feito em relação às patologias dos pacientes.²⁷

CONCLUSÃO

A maioria dos alunos era do sexo feminino, com média de idade de 29,2 anos, com companheiro, há 4 anos ou mais cursando a graduação, residentes com familiares, com trabalho remunerado e responsáveis pelo custeio de seus estudos (49,6%).

A maioria referiu possuir tempo para o lazer, classificou sua saúde como muito boa ou ótima e a minoria praticava atividade física regular. A suspeição de DPM foi de 26%.

Analisou-se que os alunos do último semestre apresentaram prevalência significativamente maior de suspeição para DPM (45,5% versus 22%), bem como os trabalhadores de enfermagem e estagiários (36,7% e 30,6%) em comparação àqueles que não trabalhavam na área da saúde (10%).

Para reverter essa situação, é preciso planejar e implementar mecanismos de suporte que auxiliem os estudantes no enfrentamento das situações diversas vivenciadas ao longo de sua formação profissional. Contudo, os resultados de relação entre suspeição para DPM e as variáveis preditoras, por meio de um delineamento transversal, não permite definições sobre causalidade, ou seja: não indica causa efeito. Entretanto, apontam as direções nas quais os fatores preditivos associam-se com o desfecho estudado.

REFERÊNCIAS

1. Eurich RB, Kluthcovsky, ACGC. Avaliação da qualidade de vida de acadêmicos de graduação em Enfermagem do primeiro e quarto anos: influência das variáveis sociodemográficas. Rev Psiquiatr Rio Gd Sul [Internet]. 2008 [cited 2013 Nov 25];30(3):211-20. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-81082008000400010&script=sci_arttext

2. Fiorotti KP, Rossoni RR, Borges LH, Miranda AE. Transtornos mentais comuns entre os estudantes do curso de medicina: prevalência e fatores associados. J bras psiquiatr [Internet]. 2010 [cited 2013 Nov 04];59(1):17-23. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0047-20852010000100003&script=sci_arttext

3. Barlem JGT, Lunardi VL, Bordignon SS, Barlem ELD, Lunardi Filho WD, Silveira RS, et al. Opção e evasão de um curso de graduação em enfermagem: percepção de estudantes evadidos. Rev Gaúcha Enferm [Internet]. 2012 [cited 2013 Nov 10];33(2):132-8. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000200019&lng=pt&nrm=iso

4. Jorge MSB, Rodrigues ARF. Serviços de apoio ao estudante oferecidos pelas escolas de enfermagem no Brasil. Rev Latino-Am Enfermagem [Internet]. 1995 [cited 2013 Nov 28];3(2):59-68. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691995000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

5. Silva JLL, Nóbrega ACR, Brito FGF, Gonçalves RC, Avanci BS. Stress at work and the common mental disorders prevalence among nursing workers. Rev enferm UFPE on line [Internet]. 2010 [cited 2013 Nov 18];5(1):1-9. Available from:

<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1106>

6. Oliveira BM, Mininel VA, Felli VEA. Qualidade de vida de graduandos de enfermagem. Rev bras enferm [Internet]. 2011 [cited 2014 Feb 18];64(1):130-5. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000100019&script=sci_arttext

7. Santos KOB, Araujo TM, Oliveira NF. Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) em população urbana. Cad Saúde Pública [Internet]. 2009 [cited 2014 Jan 25];25(1):214-22. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000100023&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

8. Mari JJ, Williams P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in a primary care in the city of São Paulo. Br Psychiatry. 1986;148:23-6.

9. Maragno L, Goldbaum M, Gianini RJ, Novaes HMD, César CLG. Prevalência de transtornos mentais comuns em populações atendidas pelo

Programa Saúde da Família (QUALIS) no Município de São Paulo, Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2006 [cited 2013 Nov 18];22(8):1639-48. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2006000800012&script=sci_arttext

10. Ludermit AB, Melo Filho DA. Condições de vida e estrutura ocupacional associadas a transtornos mentais comuns. Rev Saúde Pública [Internet]. 2002 [cited 2013 Dec 04];36(2):213-21. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102002000200014&lang=pt

11. Brito AMR, Brito MJM, Silva PAB. Perfil sociodemográfico de discentes de enfermagem de instituições de ensino superior de Belo Horizonte. Esc Anna Nery [Internet] 2009. [cited 2014 Feb 18];13(2):328-33. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452009000200013&script=sci_arttext

12. Cerchiari EAN, Caetano D, Faccenda O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. Estud psicol Natal [Internet] 2005. [cited 2013 Dec 18];10(3):413-20. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2005000300010&lang=pt

13. Wetterich NC, Melo MRAC. Perfil sociodemográfico do aluno do curso de graduação em enfermagem. Rev Latino-Am. Enfermagem [Internet] 2007. [cited 2013 Nov 19];15(3):404-10. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692007000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

14. Spindola T, Martins ERC, Francisco MTR. Enfermagem como opção: perfil de graduandos de duas instituições de ensino. Rev bras enferm [Internet] 2008. [cited 2013 Nov 20];61(2):164-9. Available from:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672008000200004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

15. Pereira FJR, Santos SR, Silva CC. Caracterização de professores e estudantes de enfermagem em João Pessoa - Paraíba. Cogitare Enferm [Internet] 2010. [cited 2014 Jan 12];15(3):486-91. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/18892/12201>

16. Donati L, Alves MJ, Camelo SHH. O perfil do estudante ingressante no curso de graduação em enfermagem de uma faculdade privada. Rev enferm UERJ [Internet] 2010. [cited 2014 Feb 21];18(3):446-50. Available from:

<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a19.pdf>

17. Alves EF. Características demográficas e ocupacionais do estudante-trabalhador de enfermagem e o risco de acidentes de trabalho. *Trabalho & Educação* [Internet] 2011. [cited 2014 Feb 21];20(3):47-59. Available from: <http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/view/688>

18. Magalhães LB, Carzino EP. O perfil dos alunos da primeira turma de enfermagem da Universidade Tuiuti do Paraná. *Cienc Cult* [Internet] 2002. [cited 2014 Feb 21];26(3):109-22. Available from: http://www.utp.br/tuiuticienciaecultura/ciclo_2/FCBS/FCBS%2026/PDF/art%2010.pdf

19. Marques MKE, Souza DAB, Silva MCF, Zago ABS, Costa AL. O perfil do acadêmico de enfermagem da Univap São José dos Campos/SP que trabalha na área da saúde. *Rev Univap* [Internet] 2006. [cited 2014 Feb 21];13(24):839-42. Available from: http://www.univap.br/univap/pro_reitorias/int_uni_soc/revista/RevistaUnivap24.pdf

20. Araújo TM, Aquino E, Menezes G, Santos CO, Aguiar L. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. *Rev Saúde Pública* [Internet] 2003. [cited 2014 Feb 21];37(4):424-33. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000400006&lang=pt

21. Amaral TR. Dimensões psicossociais do trabalho da enfermagem e os distúrbios psíquicos menores em unidades críticas (dissertação). Florianópolis (SC): Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - Universidade Federal de Santa Catarina; 2006.

22. Pires CGS, Mussi FC, Cerqueira BB, Pitanga FJG, Silva DO. Prática de atividade física entre estudantes de graduação em enfermagem. *Acta paul enferm* [Internet]. 2013 [cited 2014 Jan 27];26(5):436-443. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002013000500006&lng=pt

23. Beuter M, Alvim NAT, Mostardeiro SCTS. O lazer na vida de acadêmicos de enfermagem no contexto do cuidado de si para o cuidado do outro. *Texto contexto Enferm* [Internet] 2005. [cited 2014 Feb 21];4(2):222-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072005000200009&lang=pt

24. Quadros TM, Petroski EL, Santos-Silva DA, Pinheiro-Gordia A. The prevalence of physical inactivity amongst Brazilian university students: its association with

sociodemographic variables. *Rev Salud Pública*. 2009;11(5):724-33.

25. Amaral GF, Gomide LMP, Batista MP, Píccolo PP, Teles TBG; Oliveira PM, et al. Sintomas depressivos em acadêmicos de medicina da Universidade Federal de Goiás: um estudo de prevalência. *Rev psiquiatr Rio Gd Sul* [Internet] 2008. [cited 2014 Jan 21];30(2): 124-130. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81082008000300008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt

26. Lima MC, Domingues MS, Cerqueira AT. Prevalence and risk factors of common mental disorders among medical students. *Rev Saude Publica* [Internet]. 2006 [cited 2014 Jan 28];40:1035-41. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102006000700011&script=sci_arttext

27. Millan LR, Arruda PCV. Assistência psicológica ao estudante de medicina: 21 anos de experiência. *Rev Assoc Med Bras*. 2008;54(1):90-4.

Submissão: 07/04/2014

Aceito: 20/10/2014

Publicado: 01/12/2014

Correspondência

Luccas Melo de Souza
Avenida Itacolomi 3600
Bairro São Vicente
CEP 94155-052 – Gravataí (RS), Brasil